
**ENSINO
FUNDAMENTAL
– 8º ANO –
LÍNGUA
PORTUGUESA:
LEITURA E
INTERPRETAÇÃO
DE TEXTOS
VOLUME ÚNICO**

Apostila do 8º ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS



AULA 03

A DOR DE CRISTO NA CRUZ FOI A MAIOR QUE EXISTIU?

Objetivo: *Através das características do gênero artigo e da questão disputada da Suma Teológica como base, conhecer os quatro motivos que comprovam a maior dor que existiu.*

A MAIOR DOR QUE JÁ EXISTIU



Algumas pessoas argumentam que, cientificamente falando, não se pode dizer que a dor de Cristo foi a maior dor que já existiu, uma vez que existem gêneros muito piores de morte que a crucificação, como pessoas que morrem lentamente, corroídas por ácidos, etc. Mas em que sentido se pode entender essa afirmação da Igreja, contida inclusive na doutrina de Santo Tomás de Aquino?

É o próprio Doutor Angélico que o responde, em sua *Summa Theologiae*:

“Ao tratarmos das deficiências assumidas por Cristo, deve-se dizer que ele suportou uma autêntica dor; tanto sensível, causada por algo que fere o corpo, como interior, causada pela percepção do que é nocivo e que é chamada de tristeza. Ambas foram em Cristo as maiores dores na presente vida. E assim foi por quatro motivos.

Primeiro, pelas causas da dor. Pois a causa da dor sensível foi a lesão corporal, que se tornou pungente não só pela extensão do sofrimento, da qual se falou, mas também pelo gênero de sofrimento. É que a morte dos crucificados é muitíssimo cruel, pois são transfixados em locais de nervos muito sensíveis, ou seja, nas mãos e nos pés; o próprio peso do corpo suspenso aumenta continuamente a dor; e é uma dor que perdura, uma vez que o crucificado não morre logo, como os que são mortos a espada.

Já a causa da dor interior foi, em primeiro lugar, todos os pecados do gênero humano, pelos quais, sofrendo, Cristo dava satisfação, a ponto de, por assim dizer, assumi-los para si, como declara o Salmo: 'As palavras das minhas faltas'

(21, 2). Em segundo lugar, especialmente a culpa dos judeus e dos demais que tramaram sua morte, mas de modo particular dos discípulos, que se escandalizaram com a paixão de Cristo. Em terceiro lugar, a perda da vida corporal, que por natureza é horrível à condição humana.

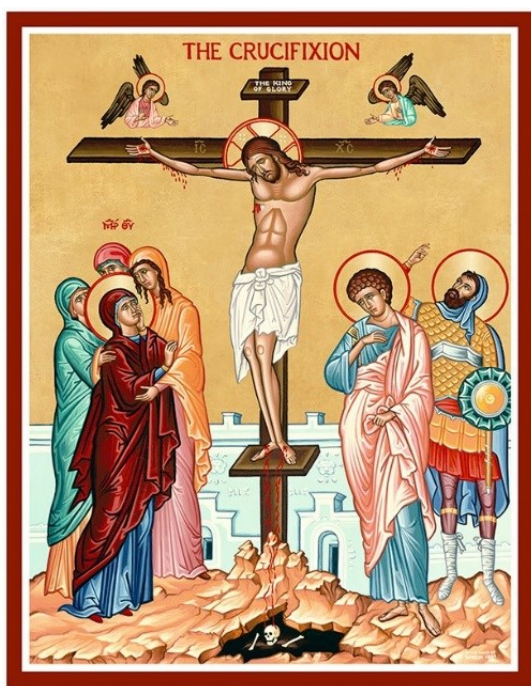
Segundo, a extensão do sofrimento pode ser considerada pela sensibilidade do paciente. Ora, ele tinha uma ótima compleição física, pois seu corpo fora formado de modo miraculoso pela ação do Espírito Santo; aliás, tudo o que foi realizado por um milagre era melhor que o resto, como diz Crisóstomo a respeito do vinho em que, na festa de núpcias, Cristo transformara a água. Assim, era agudíssimo nele o sentido do tato, com o qual se percebe a dor. – Igualmente, a alma, com suas forças interiores, captava de modo intenso todas as causas de tristeza."

Terceiro, a grandeza da dor de Cristo ao sofrer pode ser estimada pela pureza dessa dor. Nos demais pacientes, com efeito, mitiga-se a tristeza interior e mesmo a dor externa com alguma consideração da razão, por alguma derivação ou redundância das forças superiores para as inferiores. Mas isso não aconteceu com Cristo em sua paixão, pois, como diz Damasceno, 'Ele permitiu que cada uma de suas potências exercesse a função que lhe era própria'."

Quarto, a extensão da dor de Cristo em sua paixão pode ser estimada pelo fato de seu sofrimento e dor terem sido assumidos voluntariamente, com o objetivo de libertar os homens do pecado. Assim, ele assumiu a intensidade da dor proporcional à grandeza do fruto que dela se seguiria.

De todas essas causas consideradas em seu conjunto, fica evidente que a dor de Cristo foi a maior."

(Suma Teológica, III, q. 46, a. 6)



Ícone da crucificação de Nosso Senhor.

Na paixão de Nosso Senhor, com efeito, cumpriu-se a profecia de Jeremias: “Olhai e vede se há dor igual à minha dor”. Importa, porém, encarar a paixão de Cristo não tanto sob a ótica da dor, mas considerando o grande amor com que Ele nos amou. Nem os piores sofrimentos do mundo seriam capazes, por si só, de remir o homem do pecado. Foi a profunda união de Cristo com a Sua Pessoa Divina que deu sentido a todo o sofrimento que Ele experimentou, em Sua carne. Por isso, deve-se dizer que o que nos salvou na cruz, na realidade, mais do que a agonia de Jesus, foi o Seu amor.

Um autor espiritual recorda que, para haver um sacrifício, é preciso fogo. Então, na cruz, donde pende o Cordeiro de Deus imolado, onde está o fogo? O fogo é o Espírito Santo, que, no Calvário, transforma toda a dor de Cristo em amor.

Disponível em: Canal Christo Nihil Praeponere (a-dor-de-cristo-na-cruz-foi-a-maior-que-existiu)

ATIVIDADES PARA FAZER NO CADERNO:

1. Encontre o significado dos vocábulos que desconhece e construa um glossário.
2. Resuma os quatro motivos citados pelo doutor angélico que comprovam a maior dor que existiu.
3. O que significa esta citação: Suma Teológica, III, q. 46, a. 6?
4. Observe o ícone da crucificação de Nosso Senhor. Qual o significado da caveira abaixo da cruz, sob a qual pingam gotas do divino sangue?



AULA 06

MONÓLOGO DA CHUVA

Objetivos: reconhecer no que consiste um monólogo e como está presente o recurso do humor no texto.

LEITURA SILENCIOSA

MONÓLOGO DA CHUVA

Autor desconhecido



Eu sou a chuva...Minha função, minha razão de ser — que digo! — minha condição de existência, é cair... Se eu não caísse, seria nuvem, vapor, e não seria chuva.

E posso então dizer: eu caio. E posso dizer ainda: eu caio e tu te enxugas...



Geralmente, os homens não gostam de mim. Dizem: “aborrecido como a chuva benfazeja”.

Todos os seus julgamentos são, portanto, cheios dessas contradições. Quando me não vêm durante oitos dias, eles me chamam em altos brados. Se apareço e me demoro umas três ou quatro horas, eles, que já de mim têm o bastante, maldizem-me.

O seu regalo era que caísse de noite. Mas a chuva não é tão tola como eles: para cair, ela não precisa interrogar. Além disso, eu só caio quando me apraz.

Os homens são inferiores à chuva em todo o sentido: ninguém pensará em negar, por exemplo, que o mais forte de entre eles não esteja debaixo dela.

Outra prova: a ação de cair é geralmente considerada por toda gente como acidente, e quase sempre um homem que cai se machuca. O cair, para mim, é um prazer. Quanto

mais forte caio, mais contente estou. Quanto de mais alto me precipito, mais benefício presto. Eu sou um dos raros objetos que não podem parar de cair. Outro tanto, que eu saiba, só podem dizê-lo o granizo e a neve. E, ainda assim, estes dois concorrentes não têm a minha tenacidade, nem a minha paciência. O dilúvio foram os mais belos quarenta dias da minha vida.

A chuva não é tão boba quanto os homens pretendem. Ela conhece também os encantos do sonho e da poesia. Melhor, talvez, que os poetas mais sutis, sabe viver nas nuvens. Melhor que eles, sabe atenuar as feiuras da terra.

Não há só grossas chuvas: há chuvas finas, chuvas leves, chuvas penetrantes: há também chuvas poderosas, torrenciais ou diluvianas. Todos sabem que o homem mais robusto não pode lutar, por muito tempo, contra a mais fraca chuva e que, neste duelo inegável, ele é logo traspassado. A menor chuva encharca, em alguns instantes, um gigante, deixando-o numa sopa e o guerreiro mais valente surpreendido pela chuva cai, não tem outro remédio senão fugir, ou buscar qualquer abrigo.

O homem que inventou a couraça para se proteger das espaldeiradas, e a blindagem para se proteger contra os canhões, com certeza inventou o guarda-chuva para se proteger da chuva. Ora, a couraça e a blindagem raramente são atravessadas, ao passo que a chuva traspassa, com o tempo, o mais sólido guarda-chuva.

Se me apraz, posso cair sob a forma de alabarda. Melhor que isso: se me dá na telha, posso obscurecer o sol. Coisa estranha! Posso fazer, quando caio em torrentes, que os homens não vejam nem uma gota! A chuva, ainda a mais boba, caçoa dos homens inteligentes. Os meteorologistas mais eminentes, nunca serão capazes de prever com segurança a vinda ou durabilidade da chuva. Quando não chove, dizem:

“É por causa da seca”.

E aí está a razão pela qual a vossa chuva é muda. Quando chove, dizem que isso é obra de uma diferença de densidade e de uma depressão barométrica e que durará enquanto isto durar. Os maiores sábios são, além disso, os mais cortesões com a chuva e constroem pluviômetros para receber.

Não podendo impedir que ela caia, medem-na. Quando chove muito forte, o mais famoso meteorologista, o mais que tem a fazer é ir para a casa. Pode-se dizer, então, de todos os modos, que a chuva mete a ciência num chinelo.

Tenho meus vapores. Minha alma conhece as crises tempestuosas. Como uma criatura viva, eu me acalmo, redobro de violência, teimo, persisto, duro, interrompo-me, abrando-me, passo.

Se eu quero, posso ser brutal, bato nas vidraças e chicoteio os vidros. Às vezes, vou até o crime: afogo sementeiras, arruíno as alvenarias, inundo caminhos. Empano os rios e incito os ribeiros aos mais graves transbordantes. Tenho horas em que sou músico, canto deliciosamente nas folhas nos bosques.

Também sou pintora. Jamais artista encontrou cores mais brilhantes que as que me servem para iluminar o meu cartão de visita — o arco-íris.

Sou de uma força pouco comum, pois basta-me uma pequena chuva para abater um grande vento. Sou excelente dona de casa: lavo os passeios, limpo as ruas, enxaguo os telhados.

Sou higienista da nova escola: limpo a atmosfera, purifico o ar, saneio o solo, abato os micróbios flutuantes e os germes mórbidos em suspensão.

Sou a providência das hortas e a fada dos jardins. Sou a hidroterapia, botânica, sou a ducha das ervilhas, o tubo das saladas e o banho dos morangueiros. Sou o amigo dos caramujos, dos patos, das rãs e dos cocheiros, sou a causa e sou o efeito: sou o pretexto e sou a desculpa.

Enfim, sou um elemento... de alegria, pois, quando chove, tudo se diverte.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Como o próprio título do texto diz, trata-se de um monólogo. O que significa “monólogo”? Dica: se contrapõe à “**D**ialogo”.

2. Quem é o narrador do monólogo? O que nos faz perceber isso?

3. Qual ideia apresentada pela narradora lhe pareceu mais criativa? Copie-a em seu caderno.

4. Um recurso muito utilizado em textos é o da reflexão por meio do humor. Encontre no texto um exemplo deste recurso utilizado e demonstre que tipo de reflexão ele promove.

5. Releia este parágrafo:

“Quando me não vêm durante oitos dias, eles me chamam em altos brados. Se apareço e me demoro umas três ou quatro horas, eles, que já de mim têm o bastante, maldizem-me.”

A qual tipo de vício humano ele faz menção?

6. Quais argumentos são utilizados para a ideia de que: “Os homens são inferiores à chuva”?

7. Proponha uma ilustração para este texto e justifique.



AULA 09

UM GENEROSO CAMPONÊS

Objetivo: observar, reconhecer e saber classificar o tempo verbal nos textos, distinguindo o predomínio do tempo e modo verbais. Aprender que a generosidade é fruto de uma gratuidade, de fazer o bem sem esperar ou desejar uma recompensa, e, no caso, arriscando a própria vida.

UM GENEROSO CAMPONÊS



Houve uma vez uma grande inundação ao Norte da Itália, causada pela grande acumulação de neve nos Alpes, seguida por um rápido degelo. Então uma velha ponte, perto de Verona, foi quase toda destruída pela forte correnteza do Adige, ficando apenas a parte central, onde estava assentada a casa do cobrador de portagens, que nessa ocasião não estava em casa.

Em bem triste situação estava aquela pobre família, presa pelas águas e na dolorosa expectativa de ver tudo desmoronar em breve. E mães e filhos levantavam os braços e gritavam, aflitos, pedindo socorro a um grupo de pessoas que divisavam na margem.

Já se estavam soltando fragmentos daquele único arco que da ponte restava, e a pequena casa ameaçava ruir a todo momento, arrastada pela furiosa correnteza. Em vista desse extremo perigo, um nobre, o conde de Pulverina tirou do bolso uma fina carteira, contendo cem sequins, e a ofereceu ao aventureiro que fosse capaz de tomar um bote e salvar aquela família.

Mas o risco de ser lançado contra os destroços da ponte ou de ser esmagado pelas grandes pedras que rolavam, era tão eminente que ninguém dentre aquelas numerosas pessoas que assistiam aquela cena comovente teve bastante coragem para tentar tal empresa.



Um camponês que passava pelo sítio foi informado de tudo e da oferta que se fazia àquele que tivesse coragem bastante para arriscar a sua vida tentando salvar aquelas vidas de uma mãe e seis filhos.

Imediatamente o camponês saltou para uma embarcação e, imprimindo um ágil movimento nos remos, chegou ao meio do rio.

Então, com grande dificuldade e ameaçado de ser arrastado pelas águas, conseguiu contornar por detrás do pilar e assim segurar seu barco até que, por meio de uma corda, todos descessem a ele.

— “Coragem! Coragem! — dizia o camponês, para reanimar aquela pobre gente - Agora estão todos salvos.

Mais um esforço, mais um titânico esforço, contra a aluvião furiosa, e estariam salvos.

Foi uma luta de remos e de águas. Mas a força inteligente do homem venceu a força bruta da natureza, e em breve chegava à praia a desventurada família.

— Bravo rapaz! — exclamou o Conde, apresentando a bolsa dos sequins. — Aqui está a recompensa prometida!

— Eu nunca exporia a minha vida a tão grandes perigos somente por dinheiro, respondeu o camponês. O meu trabalho de todo dia rende o necessário para mim e para minha família. Queira, pois, dar esse dinheiro para essa pobre gente que acaba de ficar sem teto e sem recursos.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Procure no dicionário os vocábulos que desconhece e registre o significado em seu caderno. (Exemplo: sequins.)
2. O que levou o camponês a se dispor a salvar a família?
3. O que é ser generoso? Como vemos esta virtude refletida nos atos do camponês?
4. Como podemos, em nossas vidas, refletir esta virtude tão estimada?
5. Releia o texto e identifique os verbos.
6. Em qual tempo verbal predominam os verbos? Justifique com exemplos.
7. Em qual modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo) predominam os verbos?
8. Durante os discursos expressos no modo direto, os tempos verbais mudam. Por qual motivo?



AULA 16

UMA IMAGEM NÃO PINTADA POR MÃOS HUMANAS

Objetivo: *saber realizar a leitura e a interpretação de uma história que tem como início de devoção Rossano, na Itália, de modo a ressaltar três principais características, resumi-las e elaborar uma composição em versos sobre o que foi narrado.*

Aspectos ortográficos: saber utilizar corretamente as expressões “através de” e “por meio de”.

A-KIRÓS-PITA



o ano de 580, um certo capitão Maurício, enfrentou uma grande tempestade em alto mar. Gritava por socorro a Nossa Senhora e prometeu que, se fosse salvo com sua tripulação, construiria um santuário em sua homenagem. Desviado pelos ventos, **por meio de um** milagre, conseguiu salvar-se e, na aldeia em que atracou, encontrou um monge que lhe disse: “Não foram os ventos que o trouxeram para este lugar. Foi Maria, para que lhe construa um santuário, quando o senhor for eleito imperador”. A profecia cumpriu-se e o santuário foi construído em Rossano – Itália.

Um grande artista renomado iniciou uma pintura da imagem de Maria. Ocorria, no entanto, que tudo o que pintava durante o dia, desaparecia durante a noite. Assim, colocaram um vigilante para impedir a entrada de possíveis intrusos, que estivessem danificando a pintura.

Numa certa noite, uma formosa mulher, com uma criança no colo, pediu para entrar e rezar. Após insistir, obteve a permissão. Que mal poderia fazer aquela gentil senhora?

Passaram-se longos minutos e a mulher nada de sair da igreja. Quando o vigilante entrou na igreja, viu a imagem da mulher e do menino estampada no lugar da pintura. Assim, surge a devoção a Maria Achiropita: *a-kirós-pita* (não pintada por mãos humanas). O vigilante saiu gritando pelas ruas:

– Nossa Senhora Achiropita! Nossa Senhora Achiropita!



1. Registre o cabeçalho em seu caderno.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. Procure em um dicionário o significado das palavras que desconhece e registre-os em seu caderno.
4. Quem foi chamado para realizar a pintura de Nossa Senhora? Por qual motivo?
5. Qual é o significado de Achiropita?
6. Por qual motivo recebe este nome?
7. Onde surgiu esta devoção?

Aspectos ortográficos

8. Nas aulas anteriores, aprendemos a identificar a diferença entre as expressões “por meio de” e “através de”. Neste texto, identificamos mais um uso de uma dessas expressões, destacada em negrito. O uso está correto ou deveria ser trocado por outra expressão? Justifique.
9. Reescreva o período que contém a expressão indicada de modo a utilizar outro tipo de expressão ou de sinônimos que não alterem a significação da sentença.

MINILIVRO

- Elabore o resumo desta história em versos para seu Minilivro e realize a ilustração.

FINALIZAÇÃO

REFLEXOS DE VIRTUDES

Durante este volume lemos, estudamos, escrevemos e refletimos sobre muitos exemplos que testemunharam e refletiram em suas vidas a virtude.

- Escolha a história que mais despertou em seu coração o desejo de ser virtuoso, resuma-a e escreva os motivos.

Educador: esta atividade pode ser trocada pelo Minilivro. Deve ser proposta uma capa e uma conclusão para o Minilivro elaborado.



This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.A decorative floral border on the left side of the page, featuring stylized leaves and flowers in yellow, red, and blue. The border is composed of several repeating motifs, including a large yellow flower at the top, a red flower in the middle, and a blue flower at the bottom. The leaves are also stylized and colored in yellow, red, and blue. The border is set against a light beige background.



AULA 18

SÃO BERNARDINO DE SIENA

Objetivo: compreender como muitas perdas podem ser superadas e a virtude está em superar, com fé, os sacrifícios e tribulações de cada dia. **Aspectos ortográficos:** identificar a diferença entre os termos “perda” e “perca”, sabendo aplicá-los no contexto adequado. Recordar o uso de maL e maU, assim como os seus usos e contrários.

GRANDES FRUTOS PARA O POVO CRISTÃO: EIS O EXEMPLO DE BERNARDINO DE SIENA!



Sabeis, meus filhos, que há entre vós um religioso da Ordem dos Frades Menores, que dentro em pouco, será um homem célebre em toda a Itália; por sua doutrina e seus exemplos adirão grandes frutos para o povo cristão. E conquanto, seja jovem e eu alquebrado pela velhice, entretanto, chegará o tempo em que será preferido a mim nas honras da Igreja Romana. Exorto-vos, pois, a render graças a Deus e de orar para que aconteça para a utilidade do povo cristão o que me acaba de ser revelado. E porque assim será, voltarei a pregar nas Gálias e na Espanha; quanto aos povos da Itália aos quais ainda não preguei, é a ele que os deixo para instruir.”



São Vicente Ferrer

Assim fala, no meio de seu discurso, São Vicente Ferrer.

Este frade menor que, mais jovem, lhe seria preferido em honra na Igreja Romana, ali seria canonizado primeiro, era São Bernardino de Siena.

Nasceu este Santo em Massa, onde seu pai era governador. Pertencia à família dos Albizeschi, uma das mais ilustres da república de Siena. O dia de seu nascimento, 8 de setembro de 1380, coincidiu com a Natividade da Santa Virgem. Pai e mãe obtiveram esse filho único pela intercessão da mãe de Deus, na qual os dois punham toda a esperança.

Podia-se dizer de Bernardino o que se dizia de João Batista: que pensais seja este menino? Porque a mão do Senhor com ele estava. Mas perdeu a mãe, com a idade de três anos, e o pai, antes de completar sete. **Perda** funesta para muitos filhos! Pela Providência Divina, Bernardino nada sofreu.

Uma tia materna, Diana, encarregou-se de sua educação, e inspirou-lhe uma terna piedade para com Deus, e uma devoção particular pela Santa Virgem. O pequeno Bernardino, modesto, doce, humilde e piedoso, comprazia-se na oração e nas visitas às igrejas. A santa devoção o levava principalmente a servir à Santa Missa. Tinha memória maravilhosa, e repetia aos companheiros com fidelidade e graça, os sermões ouvidos. Sua compaixão pelos pobres não era menos admirável do que a piedade.

Um dia, a tia despediu um, sem nada lhe dar, por não haver sequer um pão em casa para o jantar de toda a família. Bernardino sentiu-se tão comovido que disse à tia: Pelo amor de Deus, demos alguma coisa ao pobre homem; dai-lhe o que me daríeis para o jantar; de bom grado passo em jejum. A piedosa tia, admirada e jubilosa, com tais palavras, exortou o sobrinho à prática de todas as virtudes cristãs, observando com admiração os precoces sinais de uma santidade futura.

Frequentemente o via prostrado diante de uma imagem da Virgem, com os olhos inundados de lágrimas, dirigindo-lhe a saudação angélica com o fervor de um Anjo. Porque, noite e dia, todos os votos, todas as orações de Bernardino se dirigiam para Maria, Mãe de Jesus. Desde os mais tenros anos, jejuava todos os sábados em sua honra, e guardou o piedoso costume durante o resto da vida.

Com a idade de onze anos, outra **perda**: a virtuosa tia; mas Deus não o abandonou. Dois tios paternos, Cristóvão e Angelo, fizeram-no vir a Siena. Pia, a mulher de Cristóvão, não tendo filhos, tomou-lhe particular afeto, amando-o como a um filho. Não menos piedosa do que Diana, teve o mesmo cuidado de sua educação. Como se diz do Menino Jesus, Bernardino crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens. Em casa, construía altares e começava a recitar cada dia o ofício da Santa Virgem.



São Barnadino de Siena

Encantada com os seus progressos na virtude, Pia quis que fizesse semelhantes nas letras e ciências humanas. E lhe deu os melhores mestres. Estes não deixavam de admirar a agudeza de inteligência do discípulo e a beleza de seu espírito; muito mais ainda, lhe admiravam a docilidade e modéstia.

Bernardino era de beleza notável; mas o amor pela pureza era ainda mais extraordinário. Conquanto fosse naturalmente cortês, complacente e respeitoso para com todos, não podia conter-se quando uma conversa obscena lhe feria os ouvidos.

Um dos principais habitantes da cidade lhe fez certa vez na praça uma proposta indecente e Bernardino deu-lhe tamanho murro no queixo, que a notícia se espalhou por toda a praça. O cidadão, tornado irrisão de todos os espectadores, retirou-se confuso e corrigiu-se do **mal** hábito. Muitos anos mais tarde, quando escutava Bernardino pregando ao povo na mesma praça, viram-no com os olhos rasos em lágrimas à recordação das faltas passadas.

Outra vez, um libertino vindo de fora, apaixonado pela beleza de Bernardino ousou fazer-lhe propostas indecorosas, Bernardino repeliu-o com horror, mas o miserável voltava sempre à carga. Então, o Santo pediu aos camaradas que enchessem os bolsos de pedras; e na primeira ocasião, perseguiram o libertino a pedradas e feroz gritaria, através de ruas e praças, de sorte que ele se acreditou feliz por escapar à morte. Essas disposições de Bernardino eram tão conhecidas, sua presença tão só inspirava tanto respeito, que quando aparecia entre os jovens, toda conversação indecente cessava. Silêncio! Diziam os mais dissolutos, eis que vem Bernardino. (...)

Havia, na casa dos frades menores de Siena um homem venerável, de uma família distinta da cidade. Havia trabalhado trinta anos na Bósnia, contra os maniqueus que infestavam a província; alquebrado pela velhice, voltara à sua terra natal; seu nome era João Nestor; encontra-se no martirológio dos franciscanos, no dia 15 de fevereiro, com o título de bem-aventurado. É a esse Santo e venerável ancião que Bernardino, com vinte e dois anos então, se dirigiu para pedir o humilde hábito de São Francisco. O ancião concedeu-lhe com alegria, no dia da Natividade da Santa Virgem, felicitando publicamente a ordem pela glória que lhe trazia o jovem noviço.

Colombiere era um convento em completa solidão a algumas milhas de Siena. São Francisco e São Boaventura ali haviam permanecido mais de uma vez. Era costume que ali passassem algum tempo os jovens religiosos. Um ancião dos mais fervorosos desejava restabelecer a regularidade e austeridade primitivas. Necessitado de ajuda, pediu a Bernardino que fizesse seu noviciado em Colombiere, onde o jovem foi um modelo de doçura, de inocência, paciência, obediência e caridade. Passado um ano, fez sua profissão no dia da Natividade da Santa Virgem; foi também nesse dia que, mais tarde, rezou a primeira Missa e pregou o primeiro sermão. Era para satisfazer a terna devoção para com a Mãe de Deus.

Seu fervor aumentava sensivelmente cada dia. Acrescia de novas austeridades as que era prescritas pela Ordem, a fim de crucificar mais perfeitamente o velho homem.

Procurava sempre os serviços mais humilhantes e repulsivos. Seu prazer jamais atingia transportes tão inefáveis como quando, andando pelas ruas, os meninos lhe lançavam injúrias e pedras. Mostrou os mesmos sentimentos quando um dos parentes lhe fez amargas censuras, e chegou a ponto de lhe dizer que desonrava a família e amigos pelo gênero de vida abjeto e desprezível que havia abraçado.

Era na escola do Salvador que estudava dia e noite a humildade e as demais virtudes cristãs. Frequentemente ficava prostrado diante de um crucifixo. Um dia pareceu ouvir Jesus Cristo falar-lhe nestes termos:

— Meu filho, vês-me pregado na Cruz; se me amas e queres imitar-me, prega-te também à tua cruz e segue-me; assim estarás certo de encontrar-me.

Foi também aos pés de Jesus crucificado que adquiriu este zelo ardente pela salvação das almas. (...)

Haviam-no eleito, em 1438, vigário-geral da Ordem. Estabeleceu uma reforma rigorosa entre os franciscanos de estrita observância da Itália. Cinco anos após, pediu para ser dispensado do cargo. Continuou a pregar com grandes frutos na Romanha, em Ferrara e na Lombardia. Recusou vários bispados, entre outros o de Siena, dizendo, como São Paulo, que o Senhor o havia enviado não para batizar, mas para pregar o Evangelho. Enviou zelosos missionários pra diversas partes do Oriente, no Egito, na Etiópia, na Assíria e na Índia. Foi o que trouxe tantas embaixadas longínquas, entre as quais a da Etiópia, ao Concílio Ecumênico de Florença, para reunir-se à Igreja Romana.

Entretanto, a doutrina de São Bernardino foi levada à Santa Sé como suspeita; mas bem examinada, foi reputada tão santa quanto sua vida. Por outro lado, suas pregações eram acompanhadas de muitos milagres. Voltou a Siena em 1444. No fim do inverno do mesmo ano, dirigiu-se a Massa, onde fez um discurso sobre a união da caridade cristã. Os prenúncios de uma febre maligna não lograram **obumbrar-lhe** a vivacidade do zelo.

Continuou a pregar em várias cidades e províncias. Afinal sucumbiu sob a violência do **mau** e foi obrigado a acamar-se, indo a Aquila, nos Abruzos. Recebeu os santos Sacramentos da Igreja em 20 de maio de 1444, véspera da Ascensão. Com a idade de sessenta e quatro anos, sentindo aproximar-se a morte, mandou o colocassem sobre a terra e, elevando os olhos ao céu, entregou a alma a Deus, ao mesmo tempo em que entoavam esta antífona das primeiras vésperas: “Pai, manifestei o vosso nome aos homens, e agora venho a Vós!”

Operaram-se ainda mais milagres após sua morte do que em vida. Sua canonização foi imediatamente empreendida por Eugênio IV, depois determinada por Nicolau V em 1450. Seu corpo, encerrado numa dupla caixa, das quais uma era de prata e outra de cristal, está guardado com os franciscanos de Aquila.

(Vida dos Santos, Padre Rohrbacher, Volume IV, p. 87 à 90 // 93 à 95 e 100 à 102)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. Procure em um dicionário o significado das palavras que desconhece e registre-os.
4. O que significa **obumbrar**? Descubra e crie uma frase para memorizar o significado.
5. São Vicente Ferrer profetiza verdades sobre um Santo homem. Quem era esse homem?
6. Quais são as virtudes de São Bernardino de Sena que lemos ao longo de toda a biografia?
7. Uma vida de sofrimentos e perdas envolveram a vida de Bernardino. Ele superou estas perdas? Ou foram motivos para sua perdição e murmuração?
8. Como São Bernardino de Siena se comportava diante das pessoas indecentes?
9. O que Nosso Senhor Jesus Cristo disse a São Bernardino de Siena?

ASPECTOS ORTOGRÁFICOS

Muitas grafias e expressões são utilizadas equivocadamente pelos alunos. Vejamos duas delas nesta aula:

PERDA X PERCA

"O carro deu perca total ou perda total? Isso é uma perda ou perca de tempo?

Essa confusão deve-se ao fato de “perca” e “perda” serem parônimas, isto é, palavras com grafia e pronúncia semelhantes.

Ambas as grafias estão relacionadas com o verbo perder, o que torna seu uso ainda mais confuso.

- **Perda:** é o **substantivo** que corresponde ao verbo “perder” e tem sentido aproximado de “pessoa que se priva de algo ou de alguém por algum motivo”, “dano sofrido”, “prejuízo”.

Exemplos:

- Estamos abalados, em virtude da perda de nossa tia.
- Em razão da perda de sua cunhada, Joaquim estava muito triste.
- A perda do campeonato frustrou a toda a escola.

- **Perca:** é uma **forma verbal** do verbo “perder”, a qual pode estar na primeira ou terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo ou ainda na terceira pessoa do singular do imperativo.

Exemplos:

- O senhor não quer que eu perca a hora, correto?!
- Não quero que ele perca o sorriso nos lábios!
- Não perca sua mochila, filho!

ATIVIDADE

11. Após as explicações acima, perguntamo-nos:

- O carro deu perca total ou perda total?
- Isso é uma perda ou perca de tempo?

12. Confira no texto as grafias destacadas e analise: estão sendo utilizadas corretamente? Justifique sua resposta.

Desafio: quando escrevemos maL e Mau? Os usos estão corretos no texto?

DICA PARA AUXILIAR A MEMORIZAÇÃO

Ma**l** – contrário de **Be**m (lembre-se que na letra cursiva, estas letras são semelhantes, mudando apenas o tamanho).

Mau – contrário de **Bo**m (lembre-se que na letra cursiva, basta fechar o U e ele parecerá com o O).



AULA 23

A MUDANÇA DE VIDA POR MEIO DE UMA LEITURA PIEDOSA

Objetivo: *compreender como uma boa leitura pode alcançar a salvação de muitas almas e levar povos inteiros à virtude.*

Aspectos ortográficos: recordar as regras de acentuação de palavras paroxítonas.

UM ENCONTRO DEFINITIVO COM DEUS



otado de temperamento ardente e belicoso, a carreira das armas seduziu Inácio. No cerco de Pamplona foi gravemente ferido na perna.

Não se pode conceber algo de mais tremendo do que um homem, então mundano e voltado para as honras terrenas, ao se ver na contingência de mancar para o resto da vida, em virtude de um erro ortopédico. Decide mandar quebrar de novo o osso, imperfeitamente consolidado, para que a perna ficasse em ordem.

— Quero viver na corte, desejo seguir a carreira militar. Se eu ficar coxo de uma perna, não brilharei entre meus pares, não dançarei, não terei valor algum como soldado. Ora, devo lutar, devo luzir na corte. Se não me livrar dessa carência física, minha vida está rateada. Então, vamos quebrar de novo esta perna!

Um cirurgião, munido dos instrumentos e métodos ortopédicos daquele tempo, desfere pancadas sobre um osso mal jungido, rompendo-o e ligando-o de novo. O que isso significava de dolorido e dramático, só quem o sofreu pode saber!

Em seguida, Inácio passa longos dias e horas intermináveis de inércia num leito, aguardando a consolidação do osso e a recuperação dos movimentos da perna, tornando horripelantemente enfadonhos os dias para aquele homem superativo, afeito a batalhas e grandes realizações.

Excluindo-se os motivos meramente mundanos que o levaram a essa situação, percebe-se em Inácio de Loyola o senso da preeminência do definitivo sobre o efêmero, uma fibra de alma para enfrentar tudo que fosse preciso.

Durante longa convalescença, entediado de tanto ficar confinado no leito, por falta de livros de cavalaria, que o apaixonavam, deram-lhe para ler livros espirituais, incluindo a “Vida de Cristo” de Ludolfo de Saxônia, e a “Flos Sanctorum”, uma compilação de biografias de Santos.

Tal leitura foi para Inácio uma revelação. Compreendeu que a Igreja também possuía sua milícia, a qual, sob ordens do representante de Cristo, luta para defender na Terra os interesses sagrados do Deus dos exércitos. Tudo mudou...



Na célebre abadia de Montserrat, Inácio depõe a espada aos pés da Santíssima Virgem, e sua alma generosa, outrora seduzida pela glória mundana, não mais aspira senão pela maior glória do grande Rei que doravante servirá.

— Tenho de encarar de frente as verdades eternas, o Céu, o inferno, a salvação ou a condenação. Recebi graças, compreendi como o ser autêntico católico significa dedicar-se ao serviço de Deus, amá-Lo sobre todas as coisas nesta Terra e na eternidade. Não ser assim é procurar apenas a felicidade transitória do mundo, mas também o infortúnio e a injúria a Deus. Essa é a verdade, e tenho de encará-la. Devo tirar todas as consequências que daí pendem para mim, e estas consistem em seguir a voz da graça que me pede, à vista dessas considerações, uma completa mudança de vida, vivendo ao contrário do que até agora vivi, construindo para mim uma existência feita de abnegação, de humildade, mas, sobretudo, de coerência. Serei coerente até o fim na verdade que considere e abracei por inteiro.

Decidido a abraçar essa mudança de vida e hábitos, Inácio veste-se como mendigo, sujo e maltrapilho. Sai pelas ruas de sua cidade, sendo reconhecido pelos seus antigos amigos fidalgos que o interpelavam com risos sarcásticos nos lábios:

— Sois vós, Inácio? O que aconteceu?

— Faço isto por amor a Deus e em reparação de meus pecados.

Atitude de vitória sobre o amor-próprio e os apegos mundanos.

Na noite da Encarnação, a 25 de março, depois da confissão de suas faltas, fez a vigília de armas e pela Mãe de Jesus é armado cavaleiro de Cristo e da Igreja militante, sua esposa. Será em breve general da admirável *Companhia de Jesus*, suscitada pela Providência para combater o protestantismo, o jansenismo e o paganismo renascente.

A fim de conservar em seus filhos a intensa vida interior que supõe a atividade militante à qual os destina, Santo Inácio lhes dá uma forte hierarquia e lhes ensina, em magistral tratado aprovado pela Igreja, seus Exercícios Espirituais que têm santificado milhares de almas.

No início, obra minúscula, constituída de meia dúzia de discípulos, com a intenção de deter a avalanche da reforma protestante pela Europa do século XVI, mas extraordinária: uma ordem militar, no sentido mais elevado da palavra, para opor barreiras ao inimigo da Igreja. Empreende a obra jesuítica, levanta diques à Revolução e, afinal de contas, consegue salvar e preservar vastos territórios do mundo católico.

Ad Maiorem Dei Gloriam — Para a Maior Glória de Deus. Eis toda a sua santidade. Almas generosas renunciam às coisas lícitas para se ocuparem mais livremente dos interesses de Deus e para lhe darem essa totalidade de glória accidental.

Em todo o globo, as nações colheram os frutos do ardor missionário dos Jesuítas.

O epicentro da heresia protestante, o Império Germânico, foi agraciado com São Pedro Fabro, primeiro companheiro de Santo Inácio. Lá, ele combateu com fervor ímpar as doutrinas luteranas, fazendo embates pessoais com grandes protestantes da época.



Papa Paulo III e Inácio de Loyola. Papa Paulo III aprovou oficialmente a Companhia de Jesus.

A Ásia, terra distante tanto em termos geográficos quanto religiosos, foi abençoada com São Francisco Xavier. O Padroeiro das Missões teve feitos extraordinários e, após 50 anos de sua morte, haviam por volta de 500 mil cristãos por onde havia pisado.

A América recebeu um grande influxo de jesuítas. No Brasil, o Padre José de Anchieta catequizava o povo indígena com piedade inigualável.

A África era presenteada com Padre Gonçalo da Silveira, que foi responsável até pelo batismo de reis do continente.

O único continente que Santo Inácio não viu ser alcançado em vida pela Companhia de Jesus, foi a Oceania, que receberia os primeiros jesuítas apenas no século XIX.

(Texto adaptado: Minha Biblioteca Católica e outras fontes.)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. Pesquise no dicionário os significados das palavras que desconhece.
4. Como se deu a conversão de Inácio? O que a Providência utilizou para resgatar este grande homem?
5. A soberba é reparada com humildade. Qual episódio da vida deste Santo nos mostra sua luta para reparar seus pecados?
6. Qual Instituição é fundada e abala o mundo com tantos frutos de santidade?
7. Para quais continentes se expandiu a Companhia de Jesus?
8. Qual lema é utilizado como estandarte desta grande obra providencial?
9. Quais outros grandes Santos vemos, frutos desta obra? Como se relacionam com a terra de Vera Cruz, Brasil?

ASPECTOS ORTOGRÁFICOS

Nesta aula, vamos revisar aspectos de acentuação de **palavras paroxítonas**. As palavras são paroxítonas quando a penúltima sílaba da palavra é a sílaba tônica, como: adorável, órgão, perfume, mesa.

Representam a maioria das palavras da língua portuguesa!

Regra para escrita sem acento:

- As palavras paroxítonas, majoritariamente, não são acentuadas.

Regra para escrita com acento:

- São escritas com acento gráfico, as palavras paroxítonas terminadas em r, l, n, x, ps, ã(s), ão(s), um(ns), om(ns), us, i(s), ei(s).

EXEMPLOS DE PALAVRAS PAROXÍTONAS ESCRITAS COM ACENTO GRÁFICO

TERMINADAS EM R	TERMINADAS EM L	TERMINADAS EM X
Ímpar	Fóssil	Córtex
Caráter	Réptil	Tórax
Açúcar	Têxtil	Fênix
Fêmur	Difícil	Ônix
Dólar	Cônsul	Látex
Cadáver	Amável	Cálix
Néctar	Automóvel	Índex
Zíper	Incrível	Clímax
Revólver	Inútil	Dúplex

TERMINADAS EM N	TERMINADAS EM I(S)	TERMINADAS EM US
Hífen	Júri	Vírus
Glúten	Íris	Húmus
Pólen	Tênis	Bônus
Abdômen	Lápis	Tônus
Plâncton	Oásis	Ônus
Elétron	Práxis	

TERMINADAS EM Ã(S) E ÃO(S)	TERMINADAS EM -EI(S)
Órfã	Pônei
Órfão	Fizésseis
Órgão	Díficeis
Sótão	Fáceis
Bênção	Inúteis
Ímã	Responsáveis
Zângão	

TERMINADAS EM PS	TERMINADAS EM -UM(NS) E OM(NS)
Bíceps Tríceps Fórceps	Álbum Fórum Pódium

ACENTUAÇÃO DAS PAROXÍTONAS E O ACORDO ORTOGRÁFICO

Com a entrada em vigor do atual acordo ortográfico, **alguns acentos foram abolidos nas palavras paroxítonas:**

- acento agudo nos ditongos abertos oi e ei;
- acento circunflexo nos ditongos oo e ee;
- acento agudo na vogal i e na vogal u quando precedidas de ditongos.

Palavras com oi:

- jiboia (antes: jibóia);
- boia (antes: bóia);
- paranoia (antes: paranóia);
- heroico (antes: heróico) (Atenção! Não há mais acento na palavra paroxítona e há em herói, oxítone.);
- joia (antes: jóia).

Palavras com ei:

- ideia (antes: idéia);
- europeia (antes: européia);
- alcateia (antes: alcatéia);
- geleia (antes: geléia);
- plateia (antes: platéia).

Palavras com oo:

- abençoar (antes: abençoô);
- perdoo (antes: perdôo);
- voo (antes: vôo);
- magoo (antes: magôo);
- enjoo (antes: enjôo).

Palavras com ee:

- eles deem (antes: eles dêem);
- eles creem (antes: eles crêem);
- eles leem (antes: eles lêem);
- eles veem (antes: eles vêem).

Palavras com i ou u:

- baiuca (antes: baiúca);
- feiura (antes: feiúra).

ATIVIDADE

Selecione no texto três palavras paroxítonas acentuadas e explique a regra que se aplica a elas.



AULA 26

AS VIOLETAS DE NOSSA SENHORA

Objetivo: ler uma história que utiliza as flores como metáfora das virtudes, dons e consolo aos que sofrem.

Aspectos ortográficos: Identificar figuras de linguagem.

AS VIOLETAS DE NOSSA SENHORA



ntem dia de Nossa Senhora da Glória, reinou no Céu uma grande e santa alegria. Pela madrugada, os Anjos penduraram estrelas nas pontas das nuvens, e, quando amanheceu, tudo ficou enfeitado de sol. O vento, nas alturas, cantarolava baixinho, como para acalantar uma criança doente. E as estrelas, apagadas, tinham um perfume casto e bom, de rosas murchas.

No seu trono de nuvens azuis franjadas de ouro, Nossa Senhora da Glória sorria contente. De todos os recantos do Céu chegavam Anjos e almas felizes, que vinham banhar-se na luz pura dos seus olhos misericordiosos. Uma felicidade inocente e boa embriagava as criaturas e as coisas, como um vinho bebido em sonho. O ar estava impregnado de um eflúvio meigo, de uma ternura comovida, como se pairasse naquela hora uma grande bênção de Deus sobre o mundo.

E foi quando a Virgem, na glória alegre do seu dia, falou desta maneira:

— Meu coração, que as sete espadas transpassaram, é como um cântaro repleto de mel. Tenho a cabeça coroada de estrelas e sinto a meus pés a música religiosa dos Anjos. Mas, na minha alegria, não posso esquecer as criaturas que gemem, lá embaixo, na prisão



escura da Vida. A ventura, que me cerca, deixaria de ser ventura, se eu não pudesse reparti-la com os infortunados. Quero, pois, que os Anjos desçam à Terra e restituam em alegria doce e cristã os tributos de dor que eles, na sua miséria, têm pago ao Céu.

E chamando um dos Anjos:

— Vai, Alael! Desce à Terra e leva, transformados em pão, os gritos de desespero dos órfãos e dos desamparados. Que eles tenham, também, hoje a sua hora de felicidade! Chamou outro:

— Parte, Heliel! Toma os suspiros que subiram da Terra, partidos dos corações solitários, e transforma-os em flores de laranjeiras. Que encontrem o seu noivo, hoje, todas as virgens de coração puro que punham na minha misericórdia a sua esperança.

Chamou o terceiro:

— E tu, Eriel, vai. Recolhe as preces de todos os tristes e transforma-as em consolação. Que tenha, cada um, hoje, a sua esmola de alegria!

Chamou outro:

— Chegou a tua vez, Elir! Abre as tuas asas, e vai! Procura os aflitos, que enviam aos céus os grandes brados de angústia e dá-lhes, de novo, a sua aflição, os seus próprios gemidos e gritos transformados em rosas vermelhas.

Chamou, finalmente, outro:

— A ti, Anjo sem nome, ou de nome que é um doce mistério; a ti, cabe a mais piedosa das missões. Há, lá embaixo, na Terra, um pobre e obscuro poeta que chora em silêncio e cujo sofrimento é calado. Reúne os seus gemidos surdos, as suas lágrimas ignoradas, os seus sonhos nascidos mortos. Transforma-os em violetas. Faze, com ele, três ramalhetes. Que sejam tornados, assim, em pequeninas flores os seus grandes tormentos escondidos. Leva a esse artista humilde a oblata da flor humilde. Dá-lhe, enfim, a ele, uma hora de felicidade!

Foi assim que, ontem, um poeta obscuro e triste recebeu, de mão desconhecida e gentil, em nome de Nossa Senhora da Glória, três lindos punhados de violetas...

(Autor: Humberto de Campos)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho e escreva o número e o título desta aula.
2. Procure no dicionário os significados das palavras que desconhece e registre-os em seu caderno.
3. Qual é o assunto desta narrativa?
4. A partir da narrativa, atribua diferentes significados às seguintes flores:
 - a. Flores de laranjeira.
 - b. Rosas vermelhas.

c. Violetas.

5. Divida a história em cenas e, para cada uma, faça uma ilustração que a resuma. Escolha alguém para recontar a história lida.

ASPECTOS ORTOGRÁFICOS

Neste texto há diversas figuras de linguagem.

6. identifique a figura desta frase destacada:

— Meu coração, que as sete espadas transpassaram, é como um cântaro repleto de mel.

7. Transforme essa frase em uma metáfora.
8. As flores apresentadas são metáforas. Explique o motivo.



AULA 31

SEBASTÓS (VENERÁVEL)

Objetivo: *desvendar a vida do venerável soldado romano que espalhou ao mundo o amor a Cristo até as últimas consequências.*

Aspectos ortográficos: identificar erros mais comuns cometidos no Oitavo Ano do Ensino Fundamental, revisando o conceito e analisando o uso na prática textual de *tem* e *têm* – com ou sem acento; de *encontro*/ao encontro).

A HISTÓRIA DE SÃO SEBASTIÃO



imensa quantidade de brasileiros que ostenta o nome Sebastião permite imaginar o quanto o Santo militar romano é admirado e venerado em nosso país, o que também ocorre em numerosas outras nações, especialmente do Ocidente. Crianças são batizadas com seu nome, paróquias o **têm** por padroeiro, igrejas o festejam como titular, bairros e cidades também a ele se vinculam na devoção ao Santo que é tido como padroeiro dos soldados, arqueiros e atletas, sendo muito invocado no combate às epidemias.

QUEM FOI, PORÉM, SÃO SEBASTIÃO?

Os registros oficiais são escassos a seu respeito, o que não impede que dele possamos ter muitas informações que emanam da feliz e indissociável combinação entre a história e a piedade popular, e que permite retratar, ainda que não exatamente a realidade, ao menos (o que é o mais importante) o espírito da realidade com que um militar cristão, servindo no exército de um dos mais sanguinários imperadores romanos, ajudou numerosas almas a não enfraquecerem na fé, consolando-as e permitindo-lhes trilhar de cabeça erguida o caminho do Paraíso; ademais, ele próprio não deixou, no momento oportuno, de declarar-se cristão,



dando o testemunho e servindo de exemplo a numerosos outros seguidores de Jesus que enfrentavam as perseguições da Era dos Mártires, como foi chamado o período de busca e morte aos fiéis conforme ordenado pelo sanguinário imperador Deocleciano.

Já antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, os romanos chamavam Mare Nostrum (“nosso mar”) ao Mediterrâneo, uma vez que todas as terras por ele banhadas faziam parte do Império. Foi em uma região costeira, na província da Gália, correspondendo à atual cidade de Narbonne (França), que Sebastião veio ao mundo. Sua família era de Milão (na atual Itália), e não era ele inclinado à carreira das armas, tendo-a seguido por causa do desejo de servir aos irmãos na fé, que sofriam as perseguições.

Sebastião desempenhou corretamente seus deveres como soldado, mas por baixo das vestes militares estava um verdadeiro cristão, e dentro de seu corpo pulsava um coração ardente de desejos de apoiar os perseguidos e ajudá-los a seguir o Divino Mestre, não só durante esta vida mas também quando se encontravam prestes a partir para a outra. Mantinha em segredo sua fé, como era comum entre os cristãos nas épocas de perseguição, pois assim podia ajudar os que dele precisavam, mas não tinha receio de perder seus bens ou sua própria vida.

Uma de suas ações apostólicas refere-se aos irmãos gêmeos Marcos e Marceliano, que haviam sido aprisionados em Roma, os quais eram visitados diariamente por Sebastião. Submetidos a chicotadas, apesar de serem membros de família de senadores, foram condenados à decapitação, tendo seus familiares obtidos do administrador romano, chamado Cromácio, um prazo para que se tentasse mudá-los quanto à opinião. Mantidos acorrentados na casa do escriba da prefeitura, Nicóstrato, eram submetidos a tentativas de convencimento por parte de seus pais, suas esposas e seus filhos ainda pequenos, além de amigos, mas quando estavam em risco de fraquejar foram as palavras de Sebastião que os reanimaram, as quais impressionou a todos que as ouviram.

Zoé, esposa de Nicóstrato, discernindo em Sebastião um homem de Deus, atirou-se aos seus pés e por gestos indicou-lhe a doença de que padecia: uma doença lhe fizera perder a capacidade de falar. Sebastião fez o Sinal da Cruz sobre a boca de Zoé e pediu em voz alta a Nosso Senhor Jesus Cristo que a curasse, e imediatamente ela recuperou a dicção e pôs-se a louvar aquele homem, acrescentando que acreditava em tudo o que ele acabara de dizer.

Diante da cura da esposa, o próprio Nicóstrato lançou-se aos pés de Sebastião e pediu perdão por ter mantido os dois cristãos aprisionados, libertando-os em seguida e declarando que se sentiria feliz se viesse a ser aprisionado e morto em lugar deles. E os dois irmãos, naquele momento libertados, recusaram-se a abandonar a luta para a ela expor outra pessoa, firmando-se na fé ao ver a ação de Deus, que anulou todos os esforços feitos para fazê-los abandonar a Igreja, além de nela ingressarem os donos da casa em que estiveram aprisionados.

Nas horas que se seguiram, outras pessoas também vinham **ao encontro da** fé cristã, sendo 68 o número de pessoas convertidas e batizadas por São Policarpo, ali chamado por

Sebastião: Nicóstrato, sua esposa Zoé, toda a família de Nicóstrato, seu irmão Castor, o carcereiro Cláudio com dois filhos e sua esposa Sinforosa, o pai dos gêmeos, chamado Tranquilino, com sua esposa Márcia e seis amigos, as esposas dos gêmeos, e dezesseis outros encarcerados.

Sem saber os detalhes — pois houvera sido enganado — o prefeito de Roma, Cromácio, que havia concedido aos gêmeos o período de espera para que renunciassem à fé, chamou o pai de ambos, Tranquilino, determinando que eles oferecessem incenso aos deuses; Tranquilino então afirmou-se cristão, acrescentando que assim houvera sido curado de uma enfermidade da qual o prefeito também padecia. Cromácio disponibilizou dinheiro para conseguir a cura da enfermidade, arrancando de Tranquilino risos, tendo este assegurado que para ser curado bastaria recorrer a Cristo.

Após um instrutivo catecumenato, no qual foi explanada a superioridade da fé sobre a simples cura de sua doença, Cromácio e seu filho se tornaram também cristãos, permitindo que fossem quebradas mais de duzentas estátuas de ídolos que eram por eles adorados, bem como que fossem destruídos os instrumentos que eram utilizados para astrologia e outras práticas divinatórias. Porém não apenas aquele pai e seu filho se tornaram cristãos em sua casa, mas um total de 1.400 pessoas, incluindo escravos a quem deu a liberdade dizendo que os que passaram a ter Deus por pai não mais podiam ser escravos de um homem.

Diocleciano, tendo assumido o Império Romano, conservou Sebastião no posto, e lhe deu o cargo de capitão da primeira companhia de guardas pretorianos em Roma, depositando nele muita confiança.

Chegou, porém, o momento em que Sebastião afirmou-se cristão, depois de ter cuidado para que muitos trilhassem o caminho do Paraíso. Inconformado o Imperador foi **de encontro ao** cristão e o enviou para a morte: foi preso a um tronco, e teve o corpo perfurado por flechas.

Crendo-o morto, foi abandonado pelos que o supliciaram, mas uma piedosa viúva, que pretendia sepultá-lo com honras cristãs, encontrou-o vivo, tendo dele cuidado para que se recuperasse. Algum tempo depois, ei-lo apresentando-se a Diocleciano (que se surpreendeu ao vê-lo vivo), a quem censurou pela injustiça com que perseguia os cristãos, pois estes rezavam pelo Império e por seus exércitos, mas eram supliciados como se fossem inimigos do estado.

O cruel Imperador, obstinado em seus erros, mandou que Sebastião fosse imediatamente levado a um local próximo, onde foi morto a bordoadas. Foi sepultado na catacumba que atualmente leva seu nome, sobre a qual se ergue uma das sete principais igrejas de Roma, a Basílica de São Sebastião, na Via Appia.



FONTES: Vida dos Santos, Padre Rohrbacher / Dix Mille Saints, Benedictines de Ramsgate / Catholic of Saints, John Delaney

HINO A SÃO SEBASTIÃO

REFRÃO:

Glorioso Mártir São Sebastião

dê a seus devotos firme proteção (2X)

dê a seus devotos firme proteção

Por nós intercede junto ao Bom Senhor
que salva seu povo em qualquer horror (bis)

Da peste e o flagelo, a fome e a guerra
por tua bondade afasta da terra (bis)

Que assim preservados possamos viver,
para seu santo nome sempre bendizer (bis)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Qual é o significado do título do texto?
2. Sobre quem a história é contada nesta aula?
3. Como ele tornou-se cristão?
4. Como ele escapou da condenação da morte?

5. Quais virtudes este Santo apresentou em vida?
6. O hino é uma homenagem a algo ou alguém cuja história impactou ou se destaca na atualidade. Apresenta feitos, qualidades, características daquilo que homenageia, ressaltando o que há de grandioso e belo no objeto descrito.

Comprove estas características no *Hino a São Sebastião*.

ASPECTOS ORTOGRÁFICOS

Estamos recordando neste volume erros cometidos por alunos do Ensino Fundamental e, nesta aula, recordaremos: tem e têm – com ou sem acento - e as expressões de encontro a/ ao encontro de.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de

Tem dois significados:

- *Aproximar-se de*

Exemplos:

“José mandou preparar o seu carro e montou para ir **ao encontro** de seu pai em Gessen.” (Gn 46, 29)

“Moisés levou o povo para fora do acampamento **ao encontro** de Deus, e pararam ao pé do monte.” (Ex 19, 17)

- *Ser favorável a*

Exemplo:

Somos parecidos: suas ideias vêm sempre **ao encontro** às minhas.

De encontro a

Também tem dois significados:

- *Colisão, choque*

Exemplo:

A criança foi **de encontro** à porta de vidro e machucou a cabeça.

- *Ser contrário a*

Exemplo:

As ideias dos Filhos dos Homens vêm sempre **de encontro** as dos Filhos de Deus.



AULA 36

SÃO VICENTE FERRER



Quem não conhece São Vicente Ferrer, sobretudo na Bretanha, onde terminou a vida? Nos séculos XIV e XV renovou as pregações e os milagres dos apóstolos. Converteu milhares de infiéis, de heréticos, cismáticos, pecadores, na Espanha, França e na Inglaterra, bem como na Alemanha e na Itália. Isto porque evangelizou todos esses países, falando, como os espanhóis, diversas línguas.



Mas, detenhamo-nos no que podemos imitar. Estudemos, por exemplo, como ele estudou:

“Quereis estudar, dizia, de uma maneira que vos seja útil? Que a devoção vos acompanhe em todos os vossos estudos e que vosso fito seja alcançar a santificação e não a simples habilidade. Consultai mais a Deus que aos livros, e pedi-lhe com humildade a graça de compreender o que lerdes. O estudo fatiga o espírito e seca o coração. Ide, de quando em quando, reanimar tanto um como outro aos pés de Jesus Cristo. Alguns vos dão vigor renovado e novas luzes. Interrompei vosso trabalho com jaculatórias. Que a oração, enfim, preceda e termine vosso estudo. A ciência é um dom do Pai das luzes; não a olheis, pois, como obra de vosso espírito e de vossos talentos.”

Natural de Valência, Espanha, nascido em 1357, entrou para a Ordem de São Domingos, em 1374. Morreu em Vannes, na Bretanha, em 1419, esgotado pelas austeridades e pelo trabalho. Renovou a fé e a piedade em grande parte da terra, com os milagres e as pregações. Contribuiu poderosamente para a extinção de um cisma, que há quarenta anos dividia a Igreja. Foi honorificado por reis e pelos povos. Que pensaria de si mesmo? Escutemo-lo:

“Toda a minha vida, disse, não é mais do que mau cheiro; meu corpo e minha alma estão infectos. Tudo em mim exala odor de corrupção, causada por abominações dos

meus pecados e injustiças. E, o que é ainda pior, eu mesmo sinto essa exalação crescer dentro de mim, todos os dias, e tornar-se cada vez mais insuportável”.

Se os santos pensam dessa forma a respeito de si mesmos, que deveremos pensar de nós mesmos?

Vejamos como decorreram os dois últimos anos de sua vida: De Nantes, o apóstolo se dirigiu a Vannes, em 1417, para lá saudar o duque da Bretanha, João V, que residia ordinariamente nessa cidade.

Primeiro Vicente foi a Catedral. Depois, recusando modestamente o alojamento no castelo que o duque lhe cedera, preferiu a casa de um simples particular chamado Robin. No dia seguinte, que era o quarto domingo da quaresma, celebrou a missa, como fazia ordinariamente, e pregou na praça de Lices, sobre um estrado, já que a catedral era pequena demais para conter a multidão que queria vê-lo e ouvi-lo. Continuou a celebrar a missa solene e a pregar todos os dias, no mesmo lugar, até quarta-feira da Páscoa, quando, então, se despediu para se dirigir para o resto da Bretanha, onde iria pregar. Diversas pessoas de alta linhagem se uniram ao santo homem, quando partiu de Vannes, e não o abandonaram durante toda a viagem.

Percorreu ele toda a província com zelo que não deixava oportunidade para sentir as doenças que sofria. Quando subia ao púlpito parecia tão fraco e tão debilitado que não se podia crer que pudesse falar; apenas começava o sermão, animava-se e pregava com tanto ardor, com tanta ciência, e com tanta clareza, como no tempo em que possuía todas as forças.

Além dos trabalhos maravilhosos de missionário apostólico, exerceu até as mais insignificantes funções dos catequistas, não julgando pequeno tudo quanto pudesse servir para a glória de Deus e para a salvação das almas. Em determinadas horas, reunia ao seu redor as crianças e lhes ensinava a fazer o sinal da cruz, a Oração dominical, a Saudação angélica e o Símbolo dos apóstolos. Ensinava-as a amar a Deus, a respeitar os pais e o próximo. Dando-se todo a todos, a exemplo do Apóstolo, acolhia os pobres com tanta consideração como aos ricos, e os homens mais obscuros como os mais nobres. Mostrava-se agradável a todos. As viúvas e os órfãos encontravam nele um defensor cheio de zelo. Não se recusava a nenhum dos serviços que podia prestar aos irmãos. A virtude dos milagres e o dom de se fazer entender mesmo pelos que não lhe conheciam a língua, o acompanharam à Bretanha como a todos os demais lugares que tiveram a felicidade de vê-lo. Mas, o corpo acabou sucumbindo sob os rigores da penitência e sob os trabalhos do apostolado.

Seus companheiros, vendo aproximar-se o fim de sua vida, procuraram convencê-lo de terminar os dias na Espanha. O grande interesse que tinham nisso impediu-o de resistir aos pedidos. Todavia, não partiu imediatamente, lembrando-se das palavras que Nosso Senhor lhe disse em Avinhão, e da ordem que lhe dera de ir às regiões do Oeste, pregar o Evangelho. Por fim, deixou-se vencer e, após ter-se despedido dos habitantes de Vannes, montou sobre o burro e se pôs a caminho, à meia-noite. Mas depois de algumas léguas

com os companheiros, encontrou-se ao despontar do dia, às portas da cidade. Votando-se para os irmãos lhes disse:

“Reentremos nessa cidade, irmãos, pois o que nos aconteceu demonstra suficientemente que Deus deseja que se verifique o fim de minha carreira.”

Sua volta causou alegria geral aos habitantes. Em grande massa acorreram homens, mulheres, crianças, para beijar-lhe as mãos e demonstrar-lhe a satisfação pelo retorno. Por toda parte se ouviam os sinos como nos dias das maiores solenidades. Só se ouvia: Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Chegado à residência, disse aos habitantes da cidade:

“Meus filhos, aprouve a Deus que voltasse para cá; não para pregar, mas para morrer entre vós. Ide, e que Deus vos recompense pela homenagem que quisestes prestar-me, por amor a Ele.”

Disse ainda outras coisas, que arrancaram lágrimas aos presentes e que mudaram em sensível aflição a alegria sentida por vê-lo de volta.

No dia seguinte, foi atacado de violenta febre, acompanhada de dores agudas em todos os membros, e de um esgotamento geral. Mas, com o espírito esclarecido, como nos melhores dias de saúde, chamou os irmãos e lhes anunciou o dia da morte. Fez vir o sacerdote ao qual tinha o hábito de confiar os segredos de consciência. Confessou-se, pediu-lhe que lhe concedesse a absolvição geral, de acordo com o poder que lhe fora outorgado pelo Papa Martinho V. Recebeu em seguida, todos os sacramentos com redobrada devoção e passou três dias inteiros exortando à prática da virtude e à perseverança no bem de todos quantos tinham a felicidade de se aproximar dele. Quando se espalhou na cidade a notícia de que havia recebido os últimos sacramentos, o bispo, a nobreza, os magistrados vieram vê-lo. Vicente lhes disse:

“Senhores da Bretanha, se quiserdes lembrar-vos de tudo quanto vos preguei durante dois anos, concluireis que nada melhor para vossa saúde do que conformar-vos à verdade. Não ignorais a que vícios vossa província estava sujeita, e que, de minha parte, nada poupei para vos reconduzir ao bom caminho. Daí graças a Deus comigo, pelo fato de, além de me ter concedido o talento da palavra, haver tornado vossos corações capazes de serem tocados e levados para o bem. Não vos resta outra coisa senão perseverar na prática das virtudes e não esquecer o que vos ensinei. No que me diz respeito, desde que apraz a Deus que encontre aqui o fim de minha vida e dos meus trabalhos, serei chamado ao tribunal de Deus, não cessarei de implorar-lhe a misericórdia por vós e vos prometo fazê-lo, contanto que não vos afasteis daquilo que vos ensinei. Adeus! Irei para junto do Senhor dentro de dez dias.”

Em seguida, para dedicar mais calmamente o resto da vida à contemplação, pediu que evitassem a aglomeração do povo. As dores foram aumentando. Entretanto a paciência mais ainda que as dores. Nas operações cirúrgicas mais duras, não se ouviu outra palavra que o nome de Jesus e o nome de Maria. Como não houvesse ainda casa religiosa da sua ordem em Vannes, as principais autoridades da cidade, querendo prevenir as

disputas que pudessem sobrevir com respeito à sepultura, vieram perguntar-lhe onde desejaria ser enterrado. A resposta foi:

“Sou um pobre religioso que não se orgulha de outra coisa que da qualidade de servidor de Deus. Assim, encaro a salvação da minha alma como o único cuidado do qual devo ocupar-me. De resto, preocupo-me muito pouco com o que se relaciona com a sepultura para meu corpo. Todavia, para que permaneçais em paz após minha morte, como tratei de vos oferecer enquanto aqui vivi, peço-vos permitais seja o prior do convento da minha ordem, que é mais perto daqui, quem decida a respeito de minha sepultura.”

Nove dias depois, pediu que lhe fosse lida a paixão de Nosso Senhor, segundo os quatro evangelistas. Em seguida ouviu os sete salmos da penitência, aos quais repetiu com os demais salmos, até que as forças lhe faltaram por completo e a língua se tornou imóvel. Juntou as mãos, ergueu os olhos para o céu e entregou a alma a Deus, numa quarta-feira, dia 5 de abril de 1419, aos 63 anos de idade.

A duquesa da Bretanha, filha de França, quis lavar-lhe o corpo pessoalmente. A água que empregou nesse mister, serviu de remédio para a cura de inúmeros doentes. O duque João, o quinto com esse nome, preparou homenagens magníficas a São Vicente. Eram tantos os que queriam ver o corpo do santo, que foi necessário guardá-lo durante três dias,



para que se pudesse satisfazer a devoção do povo que desejava vê-lo e tocá-lo. Foi mesmo necessário, por fim, cercá-lo com guardas armados, para que não o reduzissem a pedaços. Foi enterrado na igreja-catedral, ao lado do altar-mor. E Deus continuou a fazer, após a morte de São Vicente, tantos e mais milagres por sua intercessão, quantos havia operado, por sua intercessão, durante a vida do santo.

Imediatamente, após ter morrido, a maioria dos príncipes e prelados das cidades e universidades que tinham tido a felicidade de conhecê-lo e de possuí-lo, se dirigiram ao Papa Martinho V, para lhe obterem a canonização. João V, da Bretanha, foi um dos mais ardorosos solicitadores dessa declaração, que terminou apenas em 1455, com o Papa Calisto III. A bula da canonização foi publicada três anos após, pelo Papa Pio II. Em 1456, desenterraram-no. Os espanhóis tinham pedido inutilmente que fosse transportado para Valência. Resolveram, então, em 1599, roubá-lo secretamente, como tesouro que lhes pertencia. Para prevenirem alguma coisa, esconderam a urna que lhe encerrava o corpo. Mas em 1637, descobriram-na, o que ocasionou uma segunda transladação, que se efetuou em 6 de setembro. Após o que, colocou-se essa urna em cima do altar de uma capela que acabara de ser construída na catedral. E lá ainda se encontra, exposta à veneração dos fiéis.

(Livro Vida dos Santos, Padre Rohrbacher, Volume VI, p, 113 a 121)

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho, escreva o número e o título desta aula.
2. Pesquise os vocábulos que desconhece e registre-os em seu caderno.
3. Qual é o conselho dado por São Vicente Ferrer sobre os estudos? Copie a citação em seu caderno.
4. Faça um resumo sobre a vida de São Vicente Ferrer.
5. Reflita sobre a fala de São Vicente Ferrer abaixo, e em seguida responda a questão apresentada pelo autor desta biografia:
 - a. *"Toda a minha vida, disse, não é mais do que mau cheiro; meu corpo e minha alma estão infectos. Tudo em mim exala odor de corrupção, causada por abominações dos meus pecados e injustiças. E, o que é ainda pior, eu mesmo sinto essa exalação crescer dentro de mim, todos os dias, e tornar-se cada vez mais insuportável".*
6. Se os Santos pensam dessa forma a respeito de si mesmos, que deveremos pensar de nós mesmos? Que atitudes e perspectivas devemos ter diante de nossos fracassos e faltas?
7. Releia todas as citações feitas por São Vicente Ferrer e escolha a que mais lhe chamou a atenção para copiar em seu caderno.

APRESENTAÇÃO FINAL

Parabéns!!! Você está chegando ao término desta seção dentro da disciplina de Língua Portuguesa!

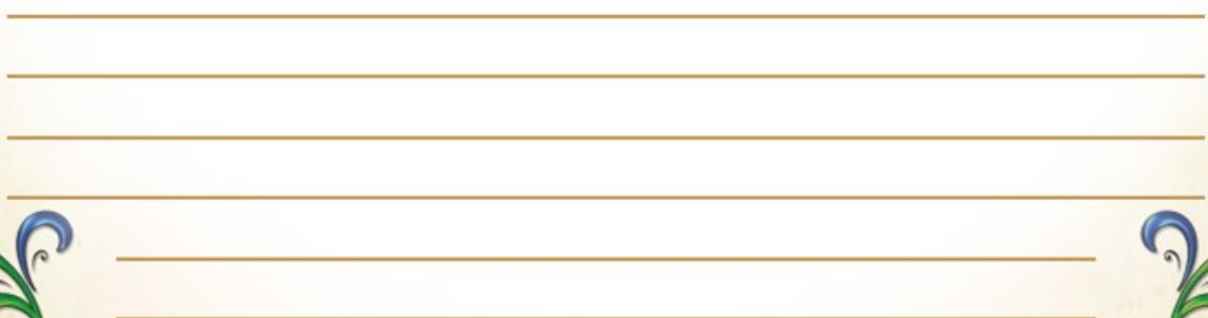
Com certeza leu muitas histórias edificantes que destacaram virtudes, denunciaram vícios, histórias que lhe fizeram parar para refletir e desejar ser melhor. Nesta aula, irá apresentar:

- Quais foram as histórias mais importantes lidas neste ano.
- Quais foram as virtudes e reflexões que mais lhe ajudaram a partir das histórias lidas.
- Qual foi a história que menos gostou e por quê?

Todos estes pontos a serem apresentados, devem, primeiramente, ser escritos na folha a seguir, revisado e cautelosamente desenvolvido, antes da apresentação ao seu educador, familiares e amigos! Se preferir, ao apresentar você pode fazer a leitura do seu texto!

Capriche e até o próximo ano!



This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.A sheet of cream-colored paper with horizontal brown lines. At the bottom left and right corners, there are decorative blue and green swirls. The paper is otherwise blank.



Nossa Senhora Auxiliadora, rogai por nós!

Santíssima Virgem Maria a quem Deus constituiu
Auxiliadora dos Cristãos,
nós vos escolhemos como Senhora e
Protetora desta casa.

Dignai-vos mostrar aqui Vosso auxílio poderoso.
Preservai esta casa de todo perigo: do incêndio, da
inundação, do raio, das tempestades,
dos ladrões, dos malfeitores, da guerra e de todas as
outras calamidades que conheceis.

Abençoi, protegei, defendei, guardai como coisa vossa
as pessoas que vivem nesta casa.

Sobretudo concedei-lhes a graça mais importante,
a de viverem sempre na amizade de Deus,
evitando o pecado.

Dai-lhes a fé que tivestes na Palavra de Deus,
e o amor que nutristes para com Vosso Filho Jesus e
para com todos aqueles pelos quais
Ele morreu na Cruz.

Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por todos que
moram nesta casa que Vos foi consagrada.

Amém.